



Tribuna Livre

30
SETEMBRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Novo Chefe da Secretaria da Câmara de Amares

No passado dia 25 tomou posse do cargo de chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Amares, o Senhor José Alves Coelho de Azevedo, distinto funcionário, que já vinha desempenhando as mesmas funções na Câmara de Vila Nova de Cerveira.

O empossado, que venceu o concurso pela sua elevada classificação, é filho do Senhor Tenente Coelho, Delegado dos Serviços de Censura em Braga, e irmão do Senhor chefe da Secretaria da Junta Distrital de Braga, família que goza da maior estima e consideração. Por tal facto e porque o cargo que vai desempenhar, é muito importante na vida do Concelho, a sua posse constitui um acontecimento fora do vulgar, a ela assistindo toda a Câmara, membros do Conselho Municipal e grande número de individualidades de destaque, quer de Braga, quer do Concelho, bem como represen-

tantes das várias juntas de freguesias.

Conferiu a posse o Senhor Presidente da Câmara Senhor Dr. Eduardo Gonçalves que depois de assinar o respectivo auto, disse:

Ex.mo Senhor José Alves Coelho de Azevedo.

Acabou V. Ex.cia de ser empossado no cargo de Chefe da secretaria desta Câmara. Além das minhas saudações e as da Câmara que represento, entendi indispensável dizer alguma coisa do que virá a ser o nosso convívio. Apenas o do trabalho para realizações a bem do nosso concelho. Vejamos:

As pessoas a quem foi confiada a administração dos haveres municipais estão empenhados na execução de diferentes obras de que V. Ex.cia tem certamente conhecimento através do seu seu plano de actividade.

Não se tem, para isso poupado a trabalhos e canseiras.

Aos departamentos do Estado não chegou o virus da intriga

Felizmente tudo tem corrido bem neste sector, graças à boa compreensão dos diferentes departamentos do Estado, onde ainda não chegou o virus da intriga.

Na realização de tantos melhoramentos, indispensá-

Continua na 4.ª página

«CHARLES CHAPLIN, meu Pai»

A justa medida de variados tipos que enxameiam o Universo traz por vezes à nossa mente ressaibos de sentimentos múltiplos que afloram na leitura de certos livros.

Assim aconteceu esta semana, ao depararmos com uma publicação algo de sentimental, algo de escabrosa, do filho de Chaplin, cujo título encima estas linhas.

Nunca se sabe das reacções do Homem—benéficas ou perniciosas—o que estas comportam de vigor ou tédio. Tudo

é fatal e a maior fatalidade reside, exactamente, no clima educacional da criança tornada homem daí a pouco. É esse clima o que mais importa à causa, o que mais devia sofrer o carinho de todos, dos que governam e dos governados. Não basta ser rico. Na pobreza do íntimo está a desgraça. Na riqueza da alma está a felicidade. Eis o dilema que o filho de «Charlot» coloca no seu livro acerca do pai, que ele ainda ama, mas a que não pode furtar-se de transformar esse amor numa simples conjuntura de ser apenas filho.

Charles Chaplin nasceu nas casas toscas de Londres, sob o signo da desgraça, com uma mãe embutada de sentimentos, devido à louca correria do pai para o álcool que o matou aos trinta anos, apenas. Só, sem um carinho, vilipendiado pela Vida horrorosa da mãe que já se habituara ao tactear imenso da miséria, «Charlot» conseguiu guindar-se e ser, ainda hoje, o Sol da cinematografia mundial.

Uma imensa fortuna alcançou-o à Felicidade? Não! Charles Chaplin sofreu sempre as consequências daquele clima educacional que lhe valeu o

Continua na 4.ª página

Continua na 4.ª página

FUGA EM MASSA apesar das bolsas de estudo

Um dos princípios declarados dirigentes políticos da Zona Soviética da Alemanha é de facilitarem a todos os jovens «qualificados» o acesso à universidade. Criou-se, além disso, um amplo sistema de bolsas de estudo que constitui um factor importante na propaganda contra a República Federal da Alemanha. À primeira vista, o facto de 90% de todos os estudantes das universidades da Zona Soviética da Alemanha receberem um auxílio do estado parece ser um argumento a favor do regime. Ora, pesa muito mais o facto de desde 1955, nada menos de 23.632 destes bolseiros terem fugido para a República Federal da Alemanha. Esta fuga em massa significa uma sentença sobre o regime político que a sua sede no Sector Soviético de Berlim. Quando no ano de 1958 se procedeu à reforma das universidades da Zona Soviética da Alemanha, em obediência às directrizes dos dirigentes políticos, o número de estudantes que se decidiram a fugir, aumentou consideravelmente.

A organização central dos estudantes na República Federal da Alemanha tentou recentemente analisar os motivos da fuga de estudantes da Zona Soviética. Resultou nitidamente deste inquérito que a maioria fugiu por motivos políticos. Nas respostas ao inquérito fala-se sempre de novo de medidas compulsórias directas ou indirectas, de co-acção, com as quais o partido único e os

seus funcionários tentam controlar e oprimir os estudantes. Alguns sentiram-se directamente ameaçados, por terem ajudado a amigos a fugir, que mantinham contactos com pessoas ou organizações na República Federal da Alemanha. O regime da Zona Soviética castiga tais «delictos» com a exclusão da universidade ou

Continua na 4.ª página

Continua na 4.ª página

NOTÍCIAS PARA ANGOLA

SOLDADOS:

A Tribuna Livre de hoje apela para o clero e Juntas de Freguesia do concelho para lhe dar notícias que satisfaçam os desejos dos soldados que em Angola se batem pela sua integridade. Nada se pode nem deve negar a esses heróis que estão a dar a vida pela Pátria que tem o seu perlongamento nessa e noutras províncias distantes formando um conjunto harmonioso e cristão.

Desde o sangue dos soldados já vertido em terras Africanas ao auxílio material e moral de que precisam aqueles que ainda não pareceram, os povos que habitam essas torridas terras devem estar convencidos que o amor da Mãe Pátria não tem limites e estende-se por esse Mundo Além até onde houver portugueses que precisem do seu

carinho e da sua protecção. Falta á verdade quem pensar ou afirmar o contrário, os que assim pensarem também devem desconhecer os seus progenitores, mas a culpa não é do Governo nem da Nação que os tem de aturar.

As notícias que daqui vos podemos fornecer é que vos estamos muito gratos pelo vosso heroísmo que tem ultrapassado os limites do que é humano fazer-se.

Os jornais e a Emissora relatam os vossos feitos que ouvimos com lágrimas e que nos levam ao altar de Deus a pedir que a vossa coragem não desfaleça para que Deus vos agradeça o que fizerdes para Deus e pela Pátria. Honrar Pai e Mãe é um dever e um mandamento que não pode ser esquecido.

Elisio Gonçalves

Tribuna de Vila Verde

Festas em honra de Nossa Senhora do Alívio

Revestiram-se de grande solenidade as Festas em honra de Nossa Senhora do Alívio, que tiveram lugar em 10 e 17 de Setembro findo, e que àquele recinto Sagrado fizeram acorrer milhares de devotos das diversas regiões do País.

Precedida de novena preparatória no majestoso Templo da Virgem realizou-se no dia 10, missa solene cujo coral, de vozes magníficas, e de um sublime conjunto, esteve a cargo da Banda da Oficina de S. José da Cidade de Braga, que há já bastantes anos extasia quem ali ocorre com devoção.

De tarde, pelas 4 horas, recitado o Terço do Rosário a maravilhosos cânticos, que pareciam transportar-nos às portas Celestes, executados pelo mesmo e maravilhoso coral, subiu ao púlpito Distintíssimo orador, que tão sublimemente cantára e elevára as belezas daquela a Quem chamaram a «Glória de Jerusalém», a «Alegria de

Israel», o «Alívio dos Mortais».

Findo o sermão, em precissão cheia de Magestade, desciam a Escadaria as Venerandas Imagens da Virgem do Alívio e de S. José, precissão em que tomaram parte além das Confrarias do Santuário, dezenas de lindos Anjinhos, bem como a brilhantíssima Banda da já referida Oficina de S. José.

Oito dias decorreram, e surge o grande dia da majestática Peregrinação! Pelas 11,30 horas, saía do Lugar da Cruz, em Soutelo, a peregrinação do Sul, presidida pelo Rev.do Arcipreste, Cônego Costa e Silva, enquanto que em Vila Verde, sob a presidência do Sr. Vigário Geral Mons. Peixoto, acompanhado de Mons. Mosquera e ladeados pelos Ilustres Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal, se organizava a peregrinação do Sector Norte!

São almas que cantam, co-

(Continua na 5.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Entre nós, mulheres...

Conseguirá o chapéu 1962 vencer a «Guerra-fria» entre Cabelheiros e Modistos?

Desde o fim da segunda guerra mundial, em 1945, que os modistos (leia-se: as pessoas que desenham ou fazem a moda nos chapéus) franceses tentam recuperar o predomínio da sua arte sobre a dos cabelheiros. A luta tem sido difícil e os últimos sempre se batem com denodo, para dizerem a palavra final. Eles sabem que o uso generalizado da cabeça coberta será um golpe rude nas suas receitas, assim como não ignoram que o chapéu encobre perfeitamente uma cabeça menos bem cuidada. Isto, desde que não se trate do minúsculo chapelinho, colocado no alto da cabeça, tão do gosto das senhoras norte-americanas, que, estas, sim, contentam ambas as artes.

A moda de 62 traz um modelo para cada rosto de mulher. Os novos formatos não são nem grandes nem pequenos, apenas juvenis e imensamente femininos. Há duas linhas essenciais: uma justa à cabeça e a outra assimétrica. Em ambos os casos, a testa fica descoberta. Além de muitos chapéus de pele e de muitos capuchinhos—iguais ao da história da nossa meninice—espalhados pelos impermeáveis, pelos casacos compridos, pelos casacos dos «tailleurs» e pelas mil e uma capas e capinhas que a moda nos oferece, há a volta do turbante em duas modalidades. O prático, em «jersey», em seda estampada, em lã ou em seda «gros-grain»—justo à cabeça, como uma touca de banho—e o elegante, em «chiffon», musselina, brocado ou veludo—e empregueado em feitos caprichosos. Mas a coisa mais 1962 que se pode usar é um modelo em dois tecidos de qualidade e cor diferentes. Viram-se nas colecções chapelinhos menineiros (toda a moda da próxima estação é juvenil) compostos por legiões de boinas—largas como as dos pintores românticos ou justas como as das colegiais—e por inúmeros gorros, tamborzitos ou barretinhos à joquei.

Os «bersaglieri» dos soldados da neve italianos voaram para as cabeças de gesso das montras parisienses, mas também para ali foram os modelos «à pirata de perna de pau» e uns «coisinhas de nada e mais um véu», que são cópia exacta dos balões venezianos. E há ainda criações destinadas às horas elegantes, iguaizinhas às coifas usadas pelas esplendorosas flamengas retratadas pelos pintores do século de ouro das Flandres. O feltro também volta triunfalmente—liso ou cortado em tirinhas—

e voltam ainda os laços de fita «gros-grain». Há poemas de tule, de «jersey», de veludo—só ou acompanhado com setim—de renda e de brocado de ouro ou prata, todos empregueados. plissados ou drapeados, e cobertos com pérolas, com «strass» ou com joias vistosas a arrematar um dos lados.

Rosa Valois faz-se notar pela colecção de barretes em lãs de cores variadas e alegres. São deliciosos esses barretes para a frescura dos vinte anos. Entretanto, para as mães, as tias e as avós apresenta modelos todos armados com pétalas de veludo cinzelado, que são um verdadeiro encanto. As cores preferidas são o azul-turquesa, o jade e o rosa-quartzo. Nesta colecção aparecem ainda os modelos de vison negro, em jeito de boina caída para o lado direito, rematados com uma joia de pedraria. No género prática emprega mais o feltro ou o «jersey» em modelos com feitiço de «toque» ou de «cloche». Muitos destes chapelinhos são guarnecidos com franjas de tecido ou de passamanaria.

Cécile Billard também é adepta da linha juventude. Adora o tecido escocês, o astrakan, a camurça e o veludo para as diversas horas do dia. O bom gosto não se choca com os seus modelos de tecidos combinados.

Marie Christiane dá-nos, em cores cheias de luz e frescura, modelos de uma nova fórmula, extremamente simples e que podem transformar-se rapidamente em chapéus elegantíssimos. São boinas imensas, muito discretas quando postas a direito e com a roda atrás, mas que se transformam em deliciosos modelos de «cocktail» quando a roda é puxada para o lado direito, e se ajusta com um alfinete de pedras vistosas.

Georgette de Trèze joga principalmente com as peles—castor, leopardo ou «rasé»—em linhas baixas. As «pill-boxes» colocadas a direito e uns tambores com patilhas que vêm cobrir as orelhas são os modelos preferidos.

Paulette tem combinações felicíssimas de tecido aliado às peles. Muito originais os seus «cloches» em tecido impermeável, forrados de pele. Acabada a chuva ou a hora prática, volta-se o chapéu com a pele para fora, dá-se-lhe umas pancadinhas, garante-se com um alfinete de fantasia e está pronto para qualquer função mais elegante. Depois, para a noite, dá-nos Paulette uma colecção de deliciosos chapelinhos no estilo «pill-boxes», com gran-

des véus a sembrar, dando mais encanto a uns bonitos olhos.

Gilberte Orcel copia os barretes persas em tecidos preciosos, onde brilham o ouro e a prata, enquanto Claude Saint-Cyr prefere a feminilidade dos «jerseys» e dos veludos em drapeados que são verdadeiras obras de arte.

De tudo isto que nos dizem de Paris chegamos à conclusão de que a moda—à parte uma ou outra excentricidade—como aquela da raposa que é, ao mesmo tempo, chapéu e estola, tem feminilidade e discrição. Há inúmeros chapéus em que a «calote» modela a cabeça, tornando-a pequenina, mas há muitos outros em que a roda é empregada em alargamento ou altura (sobretudo em movimento para a nuca). Os veusinhos dão uma nota romântica e leve ao chapelinho mais simples. Tenta-se mesmo fazer reaparecer o que descendo até ao queixo é apertado atrás, numa lembrança viva dos que foram usados aqui há uns trinta ou quarenta anos. Dizem até que será uma defesa para a mulher já passante dos trinta, para quem não foi feita a moda 62, absolutamente colegial. Bordados, penas, fitas, pérolas, rendas e véus, tudo isto nos promete muita graça e gosto refinado. E ainda bem, para reabilitação do chapéu e poupança dos «misses», que tanto tempo nos roubam, afinal. Haverá talvez uma pequena crise nos cabelheiros. Mas não tem havido uma grande crise nas costureiras de chapéus?—ANI

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Estrangeiro

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

FOURGONETA OU CAMIÃO

Compra-se a gasolina até 4 Toneladas de carga.

Telefonar para o N.º 36104

Culinária

Torta de amêndoa à milaneza

Amêndoa (miolo), 125 grs.; açúcar refinado, 200 grs.; manteiga sem sal, 100 grs.; farinha de batata, 100 grs.; claras de ovos, cinco; miolo de amêndoa pelado e falhado, uma mão cheia açúcar pilé para polvilhar, q. b.; massa para forrar a torreira, q. b.

Preparar-se massa para a torreira que se deve ter untado com manteiga. Misturam-se, numa tigela, a amêndoa bem pisada, o açúcar, a manteiga e a farinha de batata. Bate-se tudo quanto for possível; e, no fim, juntam-se-lhe as claras em castelo, mexendo muito bem. Entretanto, tem-se metido no forno a torreira para cozer a massa; tira-se, deita-se a massa de amêndoa que se bateu e, por cima, espalham-se umas amêndoas falhadas, embrulhadas numa mão cheia de açúcar pilé. Mete-se a torreira outra vez no forno, para cozer o doce.

Calor moderado, para cozer devagar.

(Torteira medindo vinte e cinco centímetros de diâmetro e três de altura).

Torta de maçã

Farinha de trigo, 250 grs.; manteiga, 125 grs.; açúcar refinado, 100 grs.; açúcar para deitar na maçã, q. b.; banha, uma colher de sopa; ovo, um; gema, uma; canela em pó, q. b.; maçãs reinetas, q. b.

Peneira-se a farinha para um alguidar; põe-se em cima o açúcar (100 grs.), a manteiga, a banha e um ovo. Amassa-se tudo junto até estar ligado. Faz-se a massa numa bola que se põe em cima da pedra da mesa, que deve estar enfarinhada. Estende-se com o rolo e forra-se uma torreira (das que têm o fundo falso) que, primeiramente, se unta muito bem com banha. Quando a massa se parte, tiram-se os bocados, que se arranjam com os dedos, de maneira que o fundo e os lados fiquem todos tapados. Enche-

-se então a forma com camadas sucessivas de rodela de maçã, colheres de açúcar e pitadas de canela; não se deve deitar muito açúcar para não ficar muito enjoativo.

Estende-se o resto da massa com cuidado para obter uma rodela com a qual se cobre a maçã, formando uma tampa, com os bocadinhos que sobejam, fazem-se uns rolinhos que se colocam por cima como se fosse uma grade. Pinta-se tudo com gema de ovo desfeita num pouco de leite e mete-se em forno de calor mediano para cozer devagar. Leva mais ou menos uma hora e meia. Deve empregar-se uma torreira da medida que se indica, porque é necessário para a quantidade da massa desta receita.

(Torteira medindo vinte e dois centímetros de diâmetro e seis de altura).

Massa para forrar torreiras

Farinha de trigo, 150 grs.; manteiga meio-sal, 75 grs.; água, 30 grs.; açúcar refinado, 30 grs.; sal, uma pitada.

Peneira-se a farinha para um alguidar e esfrega-se com a manteiga até ambas as coisas estarem incorporadas. Derrete-se o açúcar e o sal na água, deita-se para o alguidar, amassa-se muito rapidamente e faz-se uma bola.

A torreira deve estar preparada, untada com banha e polvilhada com farinha. Estendem-se a massa, com o rolo, em cima da mesa enfarinhada, deixando-a ficar em redondo, mais ou menos do tamanho da torreira. Levanta-se com ambas as mãos e coloca-se por cima dela, arranjando-a muito bem, tanto no fundo como em volta da parede da forma. Depois de cozida, volta-se, coloca-se no prato ou onde se quiser.

Quando a massa se parte, compõem-se os bocados de maneira a tapar toda a torreira. Mete-se em forno esperto para cozer.

(Torteira com vinte e dois centímetros de diâmetro e três de altura).

FOTO MODELAR

reportagens de casamento
Baptizado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária CASAMENTO CARTA DE LAGO

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência Ofícios

Da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, Secção de Participações, desejando saber a ordem pela qual esta Câmara prefere que seja atendidos os pedidos de comparticipação para a electrificação. — Informe-se que esta Câmara dá prioridade à electrificação de Bouro e Goães.

Do Subdelegado do Procurador da República desta Vila, pedindo a reparação do Gabinete dos Magistrados deste julgado Municipal. — Aguarde oportunidade.

Da Junta Distrital de Braga, informando que já se encontram a funcionar os serviços técnicos de Fomento criados por Aquela Junta Distrital. — Inteirado.

Do Hospital de São Marcos de Braga, pedindo que esta Câmara mande retirar daquele estabelecimento a doente Antónia de Sousa, de 70 anos de idade, em virtude de já ter dito alta.

O Fiscal dos Impostos, João da Rocha Barbosa informa que a doente em referência é indigente e não tem quaisquer pessoas de família neste concelho.

A Ex.ma Câmara deliberou informar o hospital de São Marcos que a doente não tem pessoas de família e que neste concelho não há estabelecimento de assistência, apropriado para o seu internamento.

Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular n.º 490, da Direcção Geral da Contabilidade Pública, estabelecendo doutrina sobre imposto de Sucessões e doações em especial nos casos de inventário oriológico. — Inteirado.

Requerimentos de Obras

De Domingos da Assunção, do lugar da Lameira, da freguesia de Barreiros, solicitando licença para construir um andar no seu prédio sito no referido lugar e freguesia. Tem informação favorável. Foi deferido pelo Sr. Presidente da Câmara nos termos do art.º 78.º do C. Adm. — Ratificado.

Plano de Actividade da Câmara Municipal e Base do Orçamento para 1962

Seguidamente, o Ex.mo Senhor Presidente da Câmara apresentou para apreciação o plano de actividade desta Câmara Municipal e as bases do orçamento ordinário para 1962. A Ex.ma Câmara, depois de examinar atentamente os referidos documentos, deliberou, por unanimidade, dar-lhe a sua concordância e aprová-lo.

Licença para condução de Velocípedes

Foram presentes à Ex.ma Câmara com a informação de que se encontram aptos para condução de velocípedes e deferidos pelo Sr. Presidente da Câmara, os requerimentos dos indivíduos a seguir mencionados: Adalberto Antunes da Silva, Ferreiros, Américo Luis Dias da Silva, de Caires, Domingos Dias da Silva, de Caires, Raul Plácido da Silva, de Portela, Armindo José Dias, de Bouro, Jorge Maria Castanheira, de Bouro, Armando José da Silva, de Amares, José do Sacramento da Silva Vieira, de Dornelas, José Maria de Sousa, de Santa Marta, Artur Gonçalves, de Figueiredo, António Augusto de Araújo Cunha, de Ferreiros, Remígio Abílio Machado, de Caires, José do Nascimento Marques da Rocha, de Cadelas e Antero Vieira de Vasconcelos, de Carracedo.

Acto contínuo a Ex.ma Câmara ratificou os seguintes pagamentos autorizados pelo Sr. Presidente da Câmara: Finalmente a Ex.ma Câmara autorizou os seguintes pagamentos:

Maria Angela da Silva Ramoa, renda do edifício onde está instalado o posto da Guarda Nacional Republicana de Amares referente ao mês de Setembro do corrente ano, aut. 280\$00. Agostinho César Pereira, renda do edifício onde se encontra instalado o posto escolar de Goães, referente a nove meses (Abril a Dezembro, incl.) do ano

(Continua no próximo número)

Na Igreja paroquial de Ferreiros desta Vila, celebrou-se no passado dia 24 do corrente, a cerimónia matrimonial da senhora D. Eufrásia Maria Fernandes Barbosa, enfermeira da Santa Casa da Misericórdia, filha da Senhora D. Almerinda dos Prazeres Fernandes e do senhor João da Rocha Barbosa e o senhor Francisco Martins Gonçalves, motorista da V. A. M., filho da senhora D. Maria Rosa Martins e do senhor Alberto Gonçalves.

Á cerimónia presidiu o Rev. Albino José Fernandes Alves, muito ilustre Arcipreste do concelho, tendo sido celebrada missa e dado benção aos noivos o Rev. João Alves Clara, pároco de Eira Vedra Vieira do Minho.

Serviram de padrinhos por parte da noiva a Senhora Dona Aura da Piedade Antunes Gonçalves e o senhor Doutor Eduardo Gonçalves, muito ilustre Presidente da Câmara Municipal deste concelho, e, da parte do noivo a senhora Dona Ernestina Russell Antunes e o senhor João Gonçalves.

No final deste solene acto, um extenso cortejo automóvel dirigiu-se para a cidade de Braga aonde num restaurante local foi servido um lauto almço.

Usaram da palavra o Rev. Arcipreste Albino Fernandes Alves, referindo-se largamente ás qualidades morais dos noivos e dos seus pais. Seguiu-se depois o senhor Presidente da Câmara, que em frase categóricas pôs em destaque as qualidades profissionais da noiva, tendo finalizado fazendo votos pela felicidade daquele novo lar.

Fez ainda um brinde pelas prosperidades dos recém casados, o Rev. João Alves Clara, dizendo do seu contentamento por se encontrar presente numa cerimónia da qual faziam parte alguns dos seus melhores amigos, terminando formulando votos a Deus pelas prosperidades dos noivos.

Ao fim da tarde os noivos dirigiram-se para uma praia do alto Minho para onde foram gozar a lua de mel.

Tribuna Livre, felicita este novo lar e deseja-lhe as maiores felicidades.

GRAINHA

VENDE-SE PEQUENA
ou grande quantidade

Limpa e bem sêca

Telefonar para o N.º 36104

***** Meus caros amigos ausentes *****

Disse-vos que o frio se estava aproximando. Aí vai mais uma prova disso.

Casamento

No dia 24 do corrente fizeram o seu casamento os senhores António Pereira da Costa e Maria da Conceição Lopes, êle com 29 anos, filho de António José da Costa e Cândida da Glória Alves Pereira, do lugar de Vila Nova, e ela com 21 anos, filha de João Baptista Lopes Júnior e Maria da Glória Lopes, do lugar da Ribeira. Assistiu o Pároco de Lago e foram testemunhas José Pereira da Costa, e Maria da Luz B. da Silva Leite, respectivamente, irmão e cunhada do noivo. Encontravam-se presentes, entre outros convidados, os senhores Maurício Queiróz e esposa, tios do noivo, D. Cândida Pereira da Costa e marido, Domingos Pereira da Costa e esposa e a menina Ema Pereira da Costa, irmãos e cunhados do noivo.

Devoção ou loucura?

Quando estudei a história tive por vezes dificuldade em compreender os motivos das heresias, dos cismas e da existência dos ateus falsos e verdadeiros.

Agora, passados bastantes anos, vejo que os tais motivos são o orgulho, os interesses e conveniências pessoais. É assim que se explica a não aplicação do célebre dito de Santo Agostinho ao caso de «Santa Filomena»: «Roma falou a questão acabou». De facto Roma não canonizou a que resolveram chamar «Santa Filomena». Limitou-se a ver e ouvir, autorizando o culto, de acordo com os conhecimentos históricos da época; mas, nunca se pronunciou sobre as revelações, nem analisou os milagres que lhe eram atribuídos. Sabe-se que em Roma ninguém acreditava na veracidade das revelações que deram origem à fantasmagórica vida de «Santa Filomena». Os conhecimentos ar-

ASSINANTE

Senhor Manuel Veloso

Na nossa redacção esteve a apresentar cumprimentos o nosso presado amigo e assinante Senhor Manuel Veloso e esposa Senhora Dona Ana da Conceição Veloso, residentes em Lisboa, que em viagem turística e de visita à família, têm estado por cá.

Tribuna Livre, retribui e agradece desejando felicidades e feliz regresso.

queológicos e históricos foram progredindo e por estes meios chegou-se à conclusão de que a vida da «Santa» não tem base histórica e os ossos encontrados tanto podem ser de uma cristã como de uma pagã. Os milagres tão apregoados valem muito pouco. Além da auto-sugestão muitas outras explicações podem ser dadas...

Por isso a Igreja, que não tem necessidade de santos duvidosos, determinou — «Porém a festa de Santa Filomena, Virgem e Mártir, (11 de Agosto) seja retirada de todo e qualquer calendário» — Desta maneira e dentro das normas do Direito Canónico já não pode prestar-se culto público a «Santa Filomena», promover-lhe festas, devoções públicas, ter a sua imagem exposta à veneração dos fiéis nas igrejas, celebrar missas em sua honra... Julgo não ser preciso fazer referências a capelas públicas e altas...

Uma circular

O que fica dito vem a propósito de uma circular das Edições Carlos da Amadora, em que se diz que certo publicista não se conformou com o facto resultante da decisão da Santa Sé e compôs uma obra a que deu o nome de — A Princesa grega Santa Filomena existiu. — Porém as razões apontadas de relance, na dita circular, não convencem ninguém, mesmo destituído de fé e respeito pelas decisões de Roma, desde que não seja apaixonado e tenha umas noções de criteriologia. A penas conseguirá algum negócio, pela inclusão de outras obras de certo interesse no preço estabelecido, e pela natural curiosidade dos gulosos que só apreciam bem os frutos dos quintais dos vizinhos ou os petiscos feitos nas casas dos outros.

Não tendes reparado nsa crianças de certos ricos saboreando gueosamente a borra negra e o caldo amarelo dos pobres caseiros?

Roma falou, e portanto, a questão deve-se considera-se terminada. «Roma falou, a questão acabou».

Fim das férias

Setembro vai para o fim. As uvas deram lugar ao precioso nectar. Os seminários, liceus, escolas e colégios vão abrir...

As aldeias vão agora voltar ao silêncio das plantas sem folhas, e dos caminhos sem automóveis, povoado de pedras e lama. Mas descansai! As notícias irão sempre...

Cumprimentos do J. Moreira

Novo Chefe da Secretaria da Câmara de Amares

Continuação da 1.ª página)

veis ao progresso e à economia do concelho, o que constitui uma época excessional de trabalho, surgem problemas de ordem administrativa para cuja resolução há necessidade de um conselheiro sincero e esclarecedor, além de uma colaboração leal. Estou certo que encontraremos em V. Ex.cia estes requisitos, como os tenho encontrado numa pessoa aqui presente a quem manifesto os meus agradecimentos. Irmanados no pensamento de realizações de utilidade para o concelho atingiremos com satisfação e tranquilidade de espírito o fim das nossas aspirações e já não será pouco se o conseguirmos para um município de tão pequenos recursos, embora rico em teimosos aspirantes a administradores, cujo passado não recomenda que para cá voltem.

O futuro, Juiz inexorável, se encarregará de julgar os homens e os seus actos

O futuro, Juiz inexorável, se encarregará de julgar os homens e os seus actos. Com providência nas nossas acções e intensões, não haverá obstáculo que se não vença.

Segue-se no uso da palavra, o Senhor P.º Albino José Fernandes Alves, Dg.mo Arcipreste de Amares e vereador Municipal, que em nome da restante Vereação disse das grandes obras que a Câmara está a levar a cabo por todo, o concelho e da importância que neste sentido tem um chefe de Secretaria competente terminou desejando ao empossado as maiores facilidades no desempenho das funções e ofereceu a franca e leal colaboração da vereação.

Em seguida falou o Senhor Tenente Coelho, pai do empossado que disse:

Meus Senhores:

Não me ficaria bem vir aqui elogiar meu filho, mas julguei-me na obrigação de lhe demonstrar o meu afecto com a minha presença a este acto, e se V. Ex.cia mo permite, direi duas palavras, apenas:

1.ª) — Que as suas funções, como V. Ex.cias sabem, não o obrigam a tomar parte em questões locais, e, portanto, estas lhe serão completamente indiferentes:

2.ª) — Que nenhum município (e só a estes me refiro, e não à Ex.ma Vereação, claro está), tente desviá-lo dos moldes legais, porque, afirmo, NÃO O CONSEGUIRÁ.

Meu filho vem para AMARES para ficar mais perto da família e do Liceu, e, porque (e isto influíu na resolução) nos foi grato constatar que á testa deste concelho está GENTE DE BEM,

Como Censor á Imprensa sei que existem por aqui arestas vivas a limar, mas, com as sábias directrizes de V. Ex.cia — Sr. Presidente —, e com a leal e franca coadjuvação do novo Chefe da Secretaria, já maduro nestes serviços, essas arestas vão desaparecer, e este concelho terá em futuro próximo, decerto, o progresso material a que tem jús.

Cumulativamente, essa sábia orientação fraterna de V. Ex.cia não poderá deixar de produzir os frutos espirituais nestas irrequietas almas do concelho de Amares, e todas acabarão por se unir, para o bem comum.

É que só a união faz a força, e até no Universo a Vida é Una.

Temos sempre que nos firmar na Paternidade de Deus; temos todos de desenvolver a nossa ALMA e evoluir até que se chegue á União consciente com o Absoluto, e isto consegue-se pelo desenvolvimento da Mente Individual, primeiramente, até que reconheça o Espírito em si.

Procuramos, pois, essa Centelha Divina, em nós, servindo-nos da Mente Instintiva, APENAS para o que fisicamente nos seja necessário, e daquela, da Mente Espiritual, para a Fraternidade dos Homens, como faz mister.

De esperar também é que o Clero deste concelho que se diz emissor de Cristo, faça apenas obras de CRISTO, nomeadamente as expressas no Cap. XII — versículos 19 e 20 — S. Mateus, colaborando assim com Deus e com V. Ex.cia.

Encerrou os discursos o empossado que agradeceu nos seguintes termos:

Meus Senhores:

Quando, em ocasiões como esta, nos dão a subida honra de nos dirigir algumas palavras amáveis, nós funcionários, assim honrados e cheios de contentamento, quasi nada podemos responder, mórmente quem, como eu, não tem vocação para orador.

Por isso, escrevi estas poucas linhas sem elevação literária, é certo, mas com a lealdade que costume usar.

Sou funcionário há mais de 15 anos, tendo passado já pelo Governo Civil de Braga, e camaras municipais de Barcelos e Vila Nova de Cerveira, onde tive ilustres chefes, alguns de alta patente militar.

Venho agora para um concelho de 2.ª ordem, onde os serviços que cabem são de maior responsabilidade, os quais procurarei ter sempre em ordem, com o melhor do meu esforço e vontade.

O compromisso que acabo de ler será o lema da minha

«Charles Chaplin, MEU PAI»

Continuação da 1.ª página)

desprezo do Homem e as vicissitudes.

Foi sempre o menino que teve uma mãe vulgar e um pai alcoólico. Mas venceu! E venceu consorciando-se e fundando um lar, que pouco tempo depois destruiu. Desolado, porque afinal não encontrara o que ambicionou, juntou à sua Juventude Pauietta Godard que chegou a iluminar a sua vida durante uns anos, para logo a destruir novamente, face ao terrível enervamento do marido, crises que por vezes assolavam «Charlot» e eram produto da sua permanente frustração da Felicidade.

Encontrada, enfim, a mulher que é farol do seu fim da vida, «Charlot» radicou-se mais ao desejo de ser feliz e parece que o é. Não obstante, vez em quando, dá longos passeios, solitário, naturalmente para recordar com acrimónia todo o seu passado.

É parece sentir-se satisfeito por poder oferecer aos filhos aquilo que ele nunca teve: amor, carinho, paz e alegria.

Engana-se, contudo. O filho deixa-o transparecer neste livro. Se o pai, dada a sua infantilidade sórdida foi um desgraçado, ele, agora, com um pai milionário, sente-se na mesma diminuído ao lembrar-se que, tendo sido um pequeno rapaz, também andou perdido entre três lares, onde a vida corria em doida alegria de bem estar e prazer, sem que ele pudesse senti-los, amarfanhado pela destruição do seu lar, que todos ambicionam. E o filho de «Charlot», reconditado por esta ideia, refugia-se no álcool, com a mesma preocupação, talvez, com que o pai se refugiou na arte.

Por isso mesmo, este livro tem o seu quê de amoroso e de trágico para o filho que escreveu a biografia do pai.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

conduta, tal como aquele que tive de prestar como oficial na minha unidade militar.

Muito e muito obrigado pelas palavras amigas que tiveram a gentileza de me dirigir, e a V. Ex.cia Senhor Presidente e na pessoa de V. Ex.cia à Ex.ma Vereação apresento os meus respeitosos cumprimentos.

Muito reconhecido fico a todos que se dignaram assistir a este acto.

Tenho dito

No final o empossado e família foram muito cumprimentados pelos amigos e individualidades presentes.

FUGA EM MASSA

apesar das bolsas de estudo

Continuação da 1.ª página)

cortando as bolsas de estudo. Muitos estudantes são processados e condenados a penas de reclusão de muitos anos. Inúmeros estudantes sofrem nas cadeias da Zona Soviética.

O facto de terem de estudar sem a possibilidade de tomarem decisões individuais, obedecendo às directrizes do partido, é para muitos dos jovens motivo suficiente para a fuga. As seis antigas universidades da Zona Soviética perderam por completo o seu espírito de liberdade universitária; foram degradadas a instituições subordinadas a directrizes. Criaram-se desde 1945, números redondos, trinta instituições de ensino e de investigação que não têm carácter universitário. Nestas instituições formam-se peritos de determinadas profis-

sões ou «educam-se» funcionários políticos. Além disso criaram-se cerca de 100 escolas profissionais de nível médio. A tendência é nitida: não se atribui grande valor ao universitário de formação completa e ampla; julga-se mais fácil dominar instintos de liberdade em especialistas que só conhecem a sua especialidade.

Os factos desmentem estas esperanças. «Quando mais dura a transformação das universidades pelo partido, tanto maior é o número de estudantes que se decidem a fugir para a República Federal da Alemanha para aí procurar o que lhes é negado na Zona Soviética da Alemanha: liberdade individual, espírito, carácter e consciência». São estas as palavras finais do relatório da Federação das Organizações de Estudantes Alemãs.

PALAVRAS DE AGOSTINHO

Pecar é refluir à incógnita do Nada.

Pecar é mergulhar na profundez do Mar...

É sentir a noss'alma em ânsias conturbadas, E, embora olhando o Céu, ao Tártaro baixar.

Mas no fundo do Mar a gema está guardada;

Do Nada é que Deus fez o Mundo constelar...

— Por intuitos de amor da Providência amada, Às vezes, Deus, que é bom, permite-nos pecar.

Se eu pequei, Mãe de Deus, seu eu torturei teu Filho,

Foi Deus que o permitiu, para eu saber do brilho

Da Virtude e do Amor, sentindo-lhes a fome...

Descendo, ó Mãe, ao Nada e ao Mar dos meus pecados,

Trouxe de lá meus tristes ímpetos curados,

E pérolas a fluz para escrever teu Nome!...



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 22526

Braga

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

e da casa que fica encostada à de Rendufe, chamada da Adega, era de São Vicente, e al não disse nem declarou, e declarou sim que Custódio Pinheiro da Deveza clava na Capella e ia buscar o vinho a São Vicente pello ter na dita casa da Adega, por estar pegada na de Rendufe; e al não disse nem informou...

Item Antonia da Motta, viúva, moradora no lugar da Veiga desta freguesia da Capella, que debaixo do juramento que já tinha recebido quando informou vocalmente no sitio da contenda, que he na Deveza disse que terá de idade setenta e seis annos, e que sabia pelo ver, que o Campo da Varzea sempre dizimou pela direitura do olho da poça vindo do ryo, e que sabia que no eydo de Manoel Pinheiro da Deveza, por baixo da casa terrea em que este morou, e seu Pay Custodio Pinheiro, ficavam as casas velhas em que se lembra de ver morar um homem velho cujo nome lhe não lembra, só sim que o dito Joao Pinheiro as esborralhou e as mudou mais para cima, e nellas morou, e depois seu filho Custodio Pinheiro, e hoje seu neto Manoel Pinheiro, e que sempre foram fregueses de Rendufe enquanto moravam nellas, e que sempre ouviu dizer que as ditas casas estavam na freguesia da Capella e a outra casa terrea que estava pegada no ontão desta, que servia de adega e de lagar, era de São Vicente, e assim o dizia o mesmo Custodio Pinheiro na expressão que fazia dizendo que, enquanto sua mulher tirava o caldo, hia buscar o vinho a São Vicente e vinha dar à Capella, e al não disse nem informou, e assignou...

Item Marianna da Costa, mulher de José Soares Capateiro do lugar da Cova desta freguesia da Capella, que disse ser de idade de cincoenta e oito annos, e disse que debaixo do juramento que tinha recebido no acto da contenda, que o Campo da Varzea sempre dizimou para onde hoje dizima, do ryo direito ao olho da poça, por sempre assim o ver praticar, e que na dita poça há varias fontes de agoa, porem a que fica em direito do mesmo olho para a parte do Norte, e mais limpa e mais apta para tirar a

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

Escrínio de Deus

Eu sonhei... No meu sonho, Deus sonhava,
E, sonhando, era tal o seu sorriso
De ventura e de anseio, que eu jurava
Ser de ventura e anseio o Paraíso!...

E, por milagre, eu mesmo contemplava
As imagens de Deus em seu juízo,
Como o pintor que sonha e o quadro grava,
Gravando d'alma a floração do Riso!...

Deus procurava para os seus amores
Fazer um cofre artístico e perfeito,
Unindo a Luz, as Pérolas e as Flores!...

De repente, acordei... Raiva o dia...
Deus também se acordou... Deus tinha feito
O CORAÇÃO DIVINO DE MARIA!...

REPULSA

Incendiário K, urso ferino
De garras prenhes de terror e mall
Vens sendo de países assassino,
E voas em redor de Portugal!

Dum Portugal, sacrário de Maria,
Dum Portugal alheio ao teu Inferno!
D'onde saíra um nome assás eterno
Que dera ao mundo ignoto Aurora, o dial!

Em Portugal, semearam-se Palmas;
Arreda, Santaná, monstro das almas,
«Não tentarás nunca o Senhor teu Deus!»

A pata monstruosa que descalças
Indelicadamente, tornam falsas
As já falsas moções dos Ursos teus!

Gota d'Orvalho.

NOTÍCIAS DAS

Termas do Gerês

Contribuição do pessoal dos Serviços Florestais do Gerês e Vieira do Minho, para as Vitimas do Terrorismo em Angola

O Ex.^{mo} Senhor Engenheiro Castro e Melo, acompanhado ao Senhor Presidente da Câmara de Vieira do Minho, entregou a linda quantia de 14.151\$50, para as vitimas do terrorismo em Angola.

Todo o pessoal florestal, desde os funcionários até aos humildes jornaleiros, contribuiu com as suas quotas. O Senhor Engenheiro tem-se esforçado por angariar donativos tanto para este terror, como até para um bairro dos pobres, que se pensa construir na Chá da Ermida em terreno dos Serviços Florestais. Para isso já foi tratado o assunto e visto o terreno por um louvado das Finanças deste concelho. Bom era que pessoas desta natureza viessem ao Gerês ver as necessidades que há desta e de outra natureza.

Em tratamento de águas

Tem estado em tratamento de águas o Ilustre Inspector Florestal Snr. Dr. Augusto Machado, sua Ex.^{ma} esposa D. Mafalda Gomes Machado, D. Maria do Rosário Santos Silva, esposa do Ilustre Chefe da Circunscrição Florestal do Porto e a menina Maria do Carmo.

A todos desejamos excelentes melhoras.

2.ª Publicação

SECRETARIA JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Pela Primeira Secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Ana de Jesus Martins, divorciada, proprietária, residente no lugar de Gilbarbedo, freguesia de Cibões, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posteriores aos dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária que lhe moveu José Dantas, casado, proprietário, da freguesia de Moimenta, desta mesma comarca, nos termos dos artigos oitocentos e sessenta e quatro e oitocentos e sessenta e cinco do Código de Processo Civil.

Vila Verde, 13 de Julho de 1961

O Julz de Direlto,

Manuel Augusto Gama Prazeres

O Chefe da Secção,

Manuel Augusto Monteiro da Silva

Festas em honra de

Nossa Senhora do Alívio

Continuação da 1.ª página

rações que choram, olhos que imploram a maternal protecção da Virgem do Alívio neste momento doloroso e trágico da Pátria ferida pelos sequazes de Satanás! E nesta tríplice oração, cresce o fervor e as lágrimas afloram aos olhos de tantas Mães aflitas que viram partir os seus filhos e que, com eles, sentem os horrores da luta nas Terras de Angola, naquelas longínquas paragens dos nossos «egregios Avôs» naquele ensanguentado Baluarte da Pátria!

Chegam as peregrinações. Centenas de bandeiras enchem a vasta esplanada do Alívio, os cânticos confundem-se entre milhares de vozes que fazem deste recinto um pedaço de Céu que os olhares da Virgem fizeram descer a este local bendito, a este local de perdão e de Bênçãos, a este Glorioso Torção feito chamada de Amor, Oceano de lágrimas, Cibório de Misericórdia e de Graças! Princípiam o Santo Sacrifício da Missa dialogada por milhares de peregrinos que, dentre miríades de pedidos que trazem à Virgem, um se eleva de todos os lábios, e mesmo e comum pedido, a mesma e sentida prece: A Paz para o Mundo! A Paz Portugal, para a nossa Querida e ensanguentada Angola!

E a Santa Missa termina! O Templo e é uma chama de fogo, de fogo Divino. Sobem cantos aos Céus, caem lágrimas no solo! Divino conforto de cantos e de lágrimas, que só o que é infinitamente Divino sabe compreender e aceitar, que só uma Mãe sabe entender!

Principia a adoração do SS.mo Sacramento. O orador

exalta as maravilhas do Céu, o poder do Criador e as Glórias de Maria! E agora, escadaria abaixo, rumo ao Cruzeiro que se ergue ao fundo do recinto, desce, em majestosa procissão, a onde de confrarias, de bandeiras e de peregrinos, procissão que precede o Adeus à Virgem, que já surge no alto da Escadaria! É a Senhora do Alívio, a Mãe, de Misericórdia, a Mãe da Divina Graça! O fervor continua, a Mãe a todos sorri! É o Manto puríssimo da virgem que continua a pender sobre os seus filhos! O público, acenando com os lençinhos brancos, implora a paz para as almas, a paz para a Pátria, a paz para Portugal! Em ossanas de alegria amargurada, os peregrinos cantam: «Ó Glória da Nossa Terra, que tens salvado mil vezes! Enquanto houver Portugueses, Tu serás o seu Amor!»

A Senhora despede-se, os filhos despedem-se da Mãe! Revoa nos ares um misto de ternura e de acolhimento da Mãe pelos filhos que sofrem que imploram, que rezam, que se debulham em lágrimas! Surge o momento da despedida! Os olhos choram, os corações comprimem-se, os lenços acenam, e milhares de famílias com o luto, a pairar nas almas elevam as últimas preces à Padroeira, à Mãe do Alívio, à Mãe da Paz e da Concórdia, à Mãe da Misericórdia e do Perdão! Os lenços em densa névum elevam ao Céu a última súplica, um último pedido, e a Senhora do Alívio recolhe à sua morada, pairando ainda nos ares os últimos acordos de um adeus cheio de Esperança.

Gota d'Orvalho.



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO', SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA DE VIEIRA — PONTO FINAL

Mais uma conferência dos Quatro Grandes. Mais uma farsa a diminuir a já tão apagada autoridade dos ocidentais e a fazer rir sarcásticamente o senhor Kruschef, por mais um logro em que aqueles caíram.

As coisas estão a tomar um rumo perigosíssimo.

Negá-lo é fechar os olhos á evidência.

Os ocidentais teriam lucrado mais se desde o princípio têm batido o pé á Rússia.

Acocoraram-se, transigiram servilmente, meteram-se na concha e o resultado está a ver-se: sempre o arrejanho da Rússia, sempre a intransigência, sempre a ameaça insolente e sórdida.

Este estado de coisas tem de acabar, seja como fôr.

A guerra vai ser uma catástrofe sem precedentes, em face dos tremendos engenhos nucleares, ninguém o contesta.

Mas se, no meio do montão de ruínas que dela resultão, ficar a salvo a honra dos ocidentais, já não se perderá tudo.

Acabe-se com o ridículo, com a subserviência, com o encolher de ombros.

O plano russo está bem á vista de todos e só não o vê quem persiste em ser cego.

Nunca os ocidentais deviam aceder ás solicitações da Rússia, para se discutir o caso da Alemanha, sem que o senhor K. previamente indicasse as bases que teriam de ser sujeitas a estudo e discussão, devendo a base primacial ser o que o eleitorado alemão escolhesse.

Afinal, depois de tantos conciliábulos, o que se lucrou em benefício da paz mundial?

Nada, absolutamente nada. O que tem feito de útil a Sociedade das Nações e a Onu?

Carta de Ruivães

Apenas o jogo comunista e só o jogo comunista.

Os triunfos da Rússia em Africa estão á vista de todos.

Só Portugal teve a coragem moral e o bom senso de fazer ver aos senhores de Kremlin que cada um em sua casa manda.

Os angolanos portugueses foram massacrados, espoliados, enxovalhados e os comunistas não protestaram contra a carnificina de que os nossos foram vítimas. E porque as forças do nosso exército procuraram restabelecer a ordem e dar condições da vida aos nossos irmãos, logo o comunismo internacional se levantou em côro para protestos, porque os bandoleiros, preparados e armados no estrangeiro, começaram a ser reprimidos e escorraçados, chegando, agora, a Onu a levantar a questão, para intervir na nossa casa, porque nos defendemos, porque reagimos!

Mas não fez Portugal parte da Onu? E não é dos estatutos dessa agremiação que ela não pode intervir nos casos internos dos países membros da tal sociedade? Porque não protesta o comunismo internacional contra os fusilamentos em massa e contra os massacres ocorridos em Cuba?

A Onu, em Katanga, come-

teu, as maiores atrocidades.

É só este o seu papel?

Então acaba-se com a Onu, porque é deplorável a sua acção.

Façam os ocidentais um tratado de aliança defensiva, mas com a disposição de andarem para a frente e de terem personalidade.

A comédia vai redundando em tragédia, porque os ocidentais não são unidos e trocaram a honra pelo egoísmo.

Onde então os aliados de Portugal, neste momento cruciante, em que o comunismo o está apunhalando pelas costas?

Qual foi a nação nossa amiga, a não ser a nobre e cavalleiresca Espanha, que se solidarizou connôco, neste transe doloroso, em que o sangue português está regando o solo de Angola?

Os covardes hão-de ter o pago da sua traição.

E covardes são aqueles que tinham o dever de nos ajudar e o não fizeram, para armarem á benevolência dos que os hão-de tragar.

Não virá longe o dia em que o arrependimento lhes há-de chegar, mas será tarde demais e nessa altura já não serão capazes de sacudir o azião.

Que a terra, então, lhe seja leve.

Amadeu Cesar

Eu fui Camisa Azul, sim, «criatura».
Bati-me contra a intrusa canalhice;
Mas isso que escrevi então ou disse
Sempre levou a minha assinatura.

P'ra dar um sôco num
Ou dêle outro apanhar,
Nunca pedi a outrem
Para o ir amarrar.

U E R B A

Camuncangongo

Ai, quem me dera marchar
Lá pela selva, e lutar
Ao lado desses valentes
Soldados de Portugal,
Que nessas plagas ardentes
Combatem com heroísmo,
Infligindo ao terrorismo
Um rude golpe mortal!

Alcançar a mesma glória
Escrevendo para a história
De Portugal remoçado,
Também aq'ela façanha
Que tanto o tem sublimado!
Sentir em mim o consolo
De trepar Camuncangongo,
D'Angola rude montanha!

Levar á cinta enrolada
Nossa Bandeira, sagrada
Por oito séculos de luta
Para bem da humanidade.
Lá bem alto, na coruta
Desralda-la com carinho,
Para mostrar o caminho
Da vitória, á Mocidade!

U E R B A

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
M O D E L A R**

Telefone 62113

Amores

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

modo continuando os padres até que o Padre Montoia, que confessava a Rainha, se escusou com sua idade de seguir e acompanhar El-Rei; então se meteu o Mestre neste cargo, com o qual se foi introduzindo e apoderando do ânimo de El-Rei, e meteu seu irmão, Martim Gonçalves na presidência do Paço, dando-lhe tanta mão nas matérias do Governo do Reino, que absolutamente pendia tudo das vontades dos dois irmãos que, vendo a El-Rei com o Governo entregue, deram ordem de se a partar da Rainha em cuja companhia até então tinha estado no mesmo Paço, e D. Aleixo por sua idade, e por ver já El-Rei entregue do Reino, deixou de continuar com a guarda e ensino particular com que os irmãos absolutamente apoderados de tudo, começaram das matérias e traslados que davam a El-Rei, a tratar das conquistas de África e das Índias; e juntando persuasões de que El-Rei se deixava levar com uma inclinação natural, que depois se seguiram as desventuras que vimos.

Depois que El-Rei entrou em idade de oito anos, e que deixado o serviço das mulheres, que enquanto menino o despiam e vestiam, o serviam já de Fidalgos e comia e dormia em quarto apartado da Rainha, costumava das doze para a uma hora ir El-Rei ver sua Avó, e assentados ambos cada um em sua cadeira, e seu Aio D. Aleixo em outra rasa, estavam conversando por espaço de uma hora na qual a Rainha lhe perguntava pelo que aprendia, e ele lhe respondia algumas coisas, se havia mister repreensão, assim em suas palavras como em costumes, e lhe ensinava o que convinha a seu estado e pessoa Real, e algumas vezes vinha El-Rei chorando e sentido das repreensões da Avó, a quem tinha sua veneração e respeito; e, como os moços sen-

tem muito a sujeição de quem os emenda com autoridade, foi fácil de persuadir a El-Rei, tanto que lhe entregaram o governo do Reino, que se apartasse de sua Avó e depois que continuasse pouco com suas visitas e conversação, donde se seguiram os desgostos que houve, pelos quais se quis ir a Rainha do Reino.

Cap.º VII — do que passou El-Rei com o S.or D. Aleixo sobre não consentir que saísse fora em cavalo mal donado.

Tinham vindo a El-Rei uns cavalos frisões ou irlandeses, e são tidos por formosos, e como uma tarde disse a D. Aleixo, seu Aio, que estava enfadado, que queria ir fora, ele respondeu que lhe parecia bem por estar o tempo bom, e que visse S. A. de que cavalo tinha mais gosto para lho consertarem; respondeu-lhe El-Rei que lhe mandasse pôr em ordem um dos flisões, a que o Aio replicou dizendo que não era possível porque não estavam ainda domados como convinha e que lhe podia suceder algum desar em cavalos mal domados; insistiu El-Rei em demandas e respostas, até que seu Aio o enganou que em nenhuma maneira havia de ir nos flisões, e El-Rei com o apetite de moço se ressentiu, de modo que saiu para outra casa, e, pondo a mão no pano, foi dizendo algumas palavras em que mostrava enfadar-se de tanta sujeição e obediência; e, ouvindo alguns fidalgos que estavam na casa de fora, um deles se pôs de joelhos e lhe beijou a mão, louvando-lhe o ânimo livre e o enfadamento da sujeição, dizendo-lhe que aqueles brios eram próprios de Rei, caindo ela na adulação e timbre que fazia a seu Aio, e por aquela via tornou a meter-se para dentro, onde deixara seu Aio, a quem com muita brandura e sujeição logo disse que lhe mandasse selar tal cavalo, que era de sua pessoa, ou qual quisesse, porque já D. fulano lhe beijara a mão porque lhe desobedecia; entre lágrimas nascidas de ver o bom entendimento de El-Rei, lhe disse D. Aleixo as razões que o moviam em não conceder em tudo com seu gosto, temendo o perigo de sua pessoa real em que estavam os olhos e as esperanças do Reino.

Cap.º VIII — de como El-Rei tomando o Governo do Reino, seu Aio se apartou do serviço ordinário, e El-Rei da Rainha.

Tomando El-Rei D. Sebastião o governo em 20 de Janeiro, uma

(CONTINUA)